

# Nietzsche, aurora e crepúsculo do mundo verdadeiro em rede

ANTES DE ENTRAR no assunto proposto por este texto, é relevante fazer algumas considerações. Na atualidade, o interesse acadêmico por estudos sobre o pensamento não predominante durante a Modernidade ultrapassa qualquer limitação relativa à posse do direito legitimado de pesquisar o homem e o mundo.

Não há reserva de mercado quando o assunto é a reflexão sobre como o mundo deixou de revelar-se ao homem e passou a ser uma revelação feita pelo próprio homem para si mesmo. Quando a técnica permite a existência de uma dimensão virtual simultânea à sensibilidade do mundo, encontra-se um forte argumento para aliar a filosofia à comunicação, por exemplo, assim como a comunicação à sociologia ou à antropologia. No caso deste texto, assim como de todos os que já escrevi anteriormente nesta publicação, nascem da perspectiva de uma fronteira entre autores da filosofia com autores da comunicação.

Parto do suposto que não há nada proibido quando se trata de uma boa intenção, de uma busca que se desterritorializa no *cyberspace* e nas obras de autores identificados com uma postura de estranhamento em relação à metafísica ou à Modernidade. No fundo está uma manifestação de fé na vida e no homem através do cristianismo.

Assim como Vattimo, que honra esta revista com seu texto, sinto a necessidade de usar o martelo de Nietzsche para quebrar o gelo deste imenso congelador das cenas do mundo verdadeiro<sup>1</sup> que é o espaço cibernético da comunicação e da cultura. A imagem do mundo ocultando o próprio mundo.<sup>2</sup> A mídia, cada vez menos como causa do homem e cada vez mais como finalidade de ser o próprio mundo.

No entardecer de remanescentes valores

Francisco E. Menezes Martins

Dr. em Ciências da Comunicação - Univ. Complutense de Madrid  
Prof. do Programa de Pós-graduação e pesquisador do Núcleo de  
Tecnologias do Imaginário da FAMECOS/PUCRS

que ainda persistem ao jogo das redes pós-modernas e sustentam o escasso brilho do crepúsculo da modernidade e da metafísica, é pertinente retomar estudos com base na filosofia e na biografia de Nietzsche. A intenção é promover a reflexão levando em conta uma possível atualização do pensamento que aposta no devir e na possível ausência de finalidades objetivas do mundo, que considera a história do mundo uma fábula e o nihilismo uma alternativa, entre outras existentes.

Hoje, quando a modernidade é velada com poucas viúvas e o presente da técnica anula o que Nietzsche condenava no final do século passado – um excesso de consciência histórica que impedia a criação de novos valores –, percebe-se que houve uma substituição da consciência histórica por um tipo de consciência sem hierarquia, adquirida a partir de um compartilhar do mesmo ambiente informacional e das mesmas vivências. Da mesma forma que na época de Nietzsche, hoje acredita-se não ser possível a criação de novos valores. Não pela violenta supremacia da metafísica,<sup>3</sup> mas pela dispersão da vontade na mesma proporção das redes comunicacionais.

Não que as redes anulem a vontade, entendida como a energia potencializada contemplada por Schopenhauer<sup>4</sup> e Nietzsche,<sup>5</sup> do homem pós-moderno, mas que talvez ele tenha encontrado nelas um motivo para não considerar sua potencial capacidade de afirmar tal vontade.

O mundo se apresenta previamente

programado tanto na metafísica quanto na comunicação. Por que não considerar a metafísica uma estratégia de comunicação tanto quanto as estratégias de programação da comunicação? Que ela deixe de ser, apesar de estar em agonia, intocável e incomparável. A metafísica não faz parte da natureza, ela é uma construção retórica que serviu para interpretar e explicar o ser, o homem e o mundo. Durante séculos, ela foi o horizonte do transcendente mundo verdadeiro. Valores supremos se elevaram sob sua guarda.

Questões já levantadas desde a década passada dão conta de uma Modernidade em superação, ruptura ou final, apontando para uma nascente de novos valores. Aqueles silenciados e escondidos por não responde-



rem aos mandamentos de seu tempo. Passagem de década, final de século, aproxima-se o simbólico ano 2000.<sup>6</sup> O homem parecia querer atravessar o milênio sem correntes que o pudessem prender. Porém, a vocação para servir ao pastor ou à vontade de rebanho fizeram com que, na falta do pastor, o rebanho seguisse os vestígios de seu desaparecimento. Assim, na ausência da metafísica, uma frondosa árvore que proporcionou durante séculos a sombra protetora do mundo verdadeiro contra os

raios do sol do mundo sensível, as plantas rasteiras, rizomáticas, até então sufocadas pela árvore, crescem e se multiplicam.

Poderia finalmente ser o que Nietzsche tentou anunciar quando escreveu como o mundo verdadeiro acabou se trans-

formando numa fábula:

“El mundo verdadero es una idea que ya no sirve para nada, que ni siquiera obliga, una idea que se vuelto inútil, superflua; en consecuencia es una idea que há sido refutada: eliminésmola. (Día claro; desayuno, vuelta del sentido común y de la serenidad alegre; Platón se pone rojo de verguenza y todos los espíritus libres arman un ruido de mil demonios.)”<sup>7</sup>

A expressão espíritos livres foi utilizada como subtítulo do livro que Nietzsche publicou em maio de 1878, *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Obra que marcou uma virada decisiva na vida e na filosofia do pensador e abriu a década definitiva da criação e amadurecimento de sua herança filosófica aos homens do futuro. Proclamava-se Nietzsche como sendo “um homem que nasceu póstumo”. Compreende-se sua angústia e solidão por ter contemplado a aversão da época ao pensamento que desenvolvia.

Buscar compreender as circunstâncias do rompimento de Nietzsche com as correntes que o mantinham civilizado aos olhos da velha filosofia pode apresentar uma opção para a análise de idéias libertárias e até mesmo revolucionárias, que apontaram para um tempo a vir, que jogaram com a regra do devir e que, até hoje, provocam divisões e polêmicas na filosofia, política, religião e, mais recentemente, nos estudos em comunicação.

## **Pensamento da verticalidade**

Em julho de 1992, eu viajava de trem da Alemanha para a Itália. Conhecia algumas idéias de Nietzsche e sabia que ele havia escrito o melhor de sua obra entre os Alpes e a Costa Azzurra. Quando o trem parou em Basel, fronteira da Alemanha com a Suíça, me dei conta que eu estava numa cidade-superfície que havia sido fundamental para entender a vertigem e a verti-

calidade empregada por Nietzsche<sup>8</sup> em seus escritos.

Por ser uma linha divisora entre duas nações muito distintas e pela liberdade que se goza ao ultrapassar o limite das fronteiras, também é possível relacionar o fato do filósofo ter abandonado a cátedra de filologia clássica para refugiar-se na solidão e na liberdade pessoal, apesar de sua enfermidade, no outro lado da linha, na paz dos Alpes.

Quando o trem já estava em território suíço, percebi que a calma e a tranqüilidade dos lagos eram contraponto para as verticais montanhas nevadas de picos ocultos entre névoas. Paisagem da cena primitiva da concepção nietzschiana do eterno retorno e atmosfera intocável de privilegiada porção de mundo sensível, aparente e vivo.

Somente com a natureza do mundo como companhia, Nietzsche postulou uma nova perspectiva de mundo, um mundo desprovido da fábula. Neste sentido, buscou atacar os arautos do mundo verdadeiro e passou a golpeá-los. Identificou no platonismo e no kantismo, por exemplo, marcas da metafísica, marcas de prejuízos ao homem que afirma.

No ambiente alpino, no nada da civilização, no prazer das primeiras pegadas na neve de cada aurora, Nietzsche desfiou seu carretel de dinamite filosófica. Por que a afirmação de um mundo sem finalidades possui tanto sentido? Eu pensava, enquanto contrapunha a mim mesmo outra pergunta: Por que, apesar de possuir tanto sentido, pelo menos para mim, esta idéia de o homem ter criado um sentido para o mundo para podermos explicá-lo encontra tão poucos adeptos, mesmo em plena pós-modernidade?

Enfim, quais seriam os ídolos a serem golpeados hoje? Qual é o dogma supremo? O que aconteceu com a “morte de Deus” da Modernidade?

Após tantos anos. Após tantas transformações e o homem se parece cada vez mais consigo mesmo. Tantas possibilidades e elas se reduzem à mesma rede de possi-

bilidades. Tantas particularidades e elas se tornam híbridas aos olhos mediados na distância dos horizontes virtuais. Porque apesar de não ser simplesmente um dogma, mas um dogma débil em rede, para trazer uma palavra do vocabulário de Vattimo, é que a comunicação vem ganhando ares de uma nova possibilidade de se viver e fazer parte de um mundo sensível, quando na verdade a comunicação desloca a sensibilidade para o simulacro, fazendo dele uma marca pós-metafísica do mundo verdadeiro.

A associação de idéias torna imperativo um deslocamento para o ponto em movimento de onde podemos apreender a trajetória do mundo em rede. A passagem de uma circunstância remete à interpretação de uma das idéias mais representativas de Ortega y Gasset,<sup>9</sup> de que limitado pela circunferência da instância só resta àquele que afirma ser agente da ruptura como salvação ou superação. Ora, o que salta à vista é a atribuição de uma autonomia ou responsabilidade enquanto sujeito. Assim, pode-se acrescentar que sem a vontade de ruptura ou sendo *estulto* para usar uma expressão de Seneca:

“Su existencia transcurre sin memoria ni voluntad. Es aquel que cambia sin cesar su vida. La consecuencia de esta apertura es que el individuo *estulto* no es capaz de querer de un modo adecuado. Su voluntad es una voluntad que no es libre, una voluntad que no siempre quiere, una voluntad que no es una voluntad absoluta. Querer libremente es, en efecto, querer sin ninguna determinación provocada por cualquier representación, por cualquier hecho o inclinación.”<sup>10</sup>

Quando no mundo superconectado pelas redes informáticas respira-se uma aparente liberdade de escolha dos produtos informativos e de entretenimento, e que esta seria um acréscimo à qualidade de vida baseada numa vontade proveniente da in-

teratividade, salta à vista a atualização da *estulticia* nos procedimentos de interação das potencialidades enquadradas pelas facilidades da tecnologia. Afirmar a vontade não é a mesma coisa que interagir potencialidades.

Porém, a idéia circulante é a de que podemos ser felizes consumindo partes da rede para que ela possa crescer como mundo verdadeiro. Se na distância dos horizontes virtuais o mundo se encontra envolvido por uma rede que o transforma em parte oculta, o mundo deixa de ser mundo para ser a imagem do mundo. A rede passa a ser o *browser* de uma sensibilidade simulacro. O mundo em rede passa a ser a própria rede como metáfora do mundo ■

## Notas

- 1 Representa a crítica ao platonismo em relação à questão da idéia de mundo que substitui o próprio mundo. Aparece em Nietzsche, F. *El ocaso de los ídolos*, Madrid: AL Mateos, 1993.
- 2 A idéia de um mundo oculto atrás de suas excessivas imagens encontra-se em Baudrillard, J. *El crimen perfecto*, Barcelona: Anagrama, 1996.
- 3 O caráter de uma metafísica violenta pode ser aprofundado nas obras de Heidegger ou na interpretação que Vattimo faz de sua obra em: Vattimo, G. *Las aventuras de la diferencia: pensar después de Nietzsche y Heidegger*, Barcelona: Península, 1996.
- 4 Ver conceitos de vontade ou do declínio da vontade em Schopenhauer, A: *Dores do mundo*, Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1931.
- 5 A vontade de poder ou vontade de potência é uma idéia que se encontra dispersa na obra de Nietzsche e vai amadurecendo livro a livro, a ponto de, após a sua morte em 1900, tenha sido publicado um livro de aforismos tendo o nihilismo, a afirmação da vontade e o eterno retorno como fios condutores. Idealizada por sua irmã, Elizabeth Nietzsche, foi chamada de *La voluntad de poderío*, Barcelona: Península, 1994. Também recomenda-se, para um maior

- 
- aprofundamento, a obra *Así habló Zaratustra: un libro para todos y para nadie*, Madrid: AL Mateos, 1993.
- 6 Sobre a idéia ver Baudrillard, J. *La ilusión del fin: la huelga de los acontecimientos*, Barcelona: Anagrama, 1993.
  - 7 Nietzsche, F. *El ocaso de los ídolos*, op. cit. p. 62
  - 8 Recomenda-se para um estudo mais detalhado sobre a relação entre Nietzsche e os Alpes como atmosfera do melhor de seu pensamento, o livro de Krell, D. F., *The good european: Nietzsche's work sites in word and image*, Chicago: The University of Chicago Press, 1998. Ou então "The problem of the Autumn", em [www.press.uchicago.edu/misc/chicago/452786.html](http://www.press.uchicago.edu/misc/chicago/452786.html).
  - 9 Conceito exposto em Ortega y Gasset, J. *Que es filosofia?*, Madrid: Espasa Calpe, 1993.
  - 10 Foucault, M. *Hermeneutica del sujeto*, Madrid: Ediciones de la Piqueta, 1987. P. 59